

«ATER»

Alberto Franco Díaz. Augusto Brázio. Cláudio Garrudo. Inês d'Orey.

Projekteria Art Gallery, Barcelona, Espanha

No seu romance “A Obra ao Negro”, publicado em pleno Maio de 68, Marguerite Yourcenar criou o personagem Zenão que, a dada altura da narrativa, vaticina “Há alguém à minha espera. Vou até lá.” Ao que lhe perguntam: “Quem é?” E Zenão responde: “Hic Zeno. Eu mesmo.” Deste livro, guardei, sobretudo, a pulsão de mudança e a vontade de alcançar a liberdade. Desenvolvendo-se esta história no século XVI, a relevância da alquimia e dos seus processos de transformação é sustentada e deverá ser entendida, à luz dos nossos dias, numa perspectiva metafórica. Esta “obra ao negro” inspira-se, pois, nestes tratados de onde se infere que o negro (opus nigrum) corresponde à fase de dissolução a cinzas para a erupção química da obra magna. Diz a respeito a própria Yourcenar: “Trata-se da vida movimentada, mas também meditativa, de um homem que faz total tábuas rasas das ideias e preconceitos do seu século para ver depois onde o seu pensamento o conduzirá livremente.”

Tendo sido escrito nas vésperas de uma revolução que marcou o mundo ocidental, reforça esse carácter visionário e de vanguarda que bem caracteriza a prática artística. Os artistas, além de poderem tornar a experiência do mundo mais bela, podem torná-la mais crítica, mais incisiva, despertando a nossa sensibilidade e o nosso conhecimento. É esta perspectiva etnográfica como refere Hal Foster, é a pertinência de quem sabe que pode alguma coisa, como tão bem disse Jean-Luc Godard, é o grito que nos chega da ilha da Utopia de Thomas More, que faz com que a Arte seja, atrever-me-ia a dizer, imprescindível na nossa vida. Mantém-nos acordados, atentos, disponíveis para o outro, ainda que, afinal, estejamos sempre à espera de nós mesmos, pois só assim se alcançará a liberdade e justiça que se reclama, no respeito pelo individual e colectivo.

«Ater», negro mate em latim, parte, portanto, de uma premissa de rebeldia, uma declaração de intenções, um trazer a si, e de modo consequente, a acutilante e peremptória assunção do artista como etnógrafo, vanguardista no pensamento, contemporâneo na forma e no conteúdo, um “return of the real” de Foster. O tempo marcado numa velha enciclopédia de História de Arte de Alberto Franco Díaz. Uma deambulação pelo Portugal mais

profundo e tradicional de Augusto Brázio, onde, em certa medida, se confrontam o imaginário de um passado já, então, salazarento com o lustre que projecta para um outro “tempo novo”. A atmosfera de sonho que da sua negritude tentam emergir sinais de esperança e de seduzir para o que está além da própria imagem. O lugar de intimidade, do recato e da luz de Inês d’Orey, recuperando os versos de Fernando Pessoa “Não quero ir onde não há luz”.

Acabemos pelo princípio, onde era o verbo segundo a Bíblia, e onde era o escuro como descreve Michel Pastoureaux em “Preto — História de uma cor”:

“No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra era um caos sem forma nem ordem. Era um mar profundo coberto de escuridão; mas sobre as águas pairava o Espírito de Deus. Então Deus disse: “Que a luz exista!” E a luz começou a existir. Deus achou que a luz era uma coisa boa e separou-a da escuridão.”

Que esta exposição não leve consigo a mitologia e a simbologia das trevas, antes o espírito negro da obra de Yourcenar. Afinal, estou além à minha espera.

Ana Matos

Lisboa, Março de 2022

Cofinanciado por:



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional